

# CPI- Orçamento D.6 DEZ 1993 Cenas medievais na doce Brasília

IGNÁCIO DE ARAGÃO

“Mas, eu não sou culpado, disse Ke, trata-se de um mal, entendido. E, se é assim, como se pode chamar qualquer um de culpado? Somos todos, aqui, simplesmente homens, tanto um como outro. / É verdade, disse o sacerdote, mas é assim, que todo homem culpado costuma falar”. (“O Julgamento”, de FRANZ KAFKA). “Basta apenas perguntardes: Constitui este ou aquele homem uma ameaça para nós? Ele, nesse caso, é um judeu”. (“O Judeu”, de BERTHOLD BRECHT). “Há duas espécies de classes no mundo: os que descendem de príncipes e monarcas, que o tempo vai destruindo gradativamente até ficarem completamente arruinados, e os que têm sua origem no povo comum e vão subindo de posição em posição até tornarem-se grandes senhores; a diferença está em que alguns eram o que não são mais e outros são o que outrora não tinham sido”. (“Dom Quixote”, de CERVANTES).

Mudemos o lugar, de Salamanca ou de Segóvia para Brasília, tudo é patrimônio cultural da humanidade. Mudemos igualmente os nomes e as circunstâncias, o cenário vai ser o mesmo. Um converso, o senador Bisol, que saiu da nobreza da magistratura, passou como candidato a vice pela chapa do Lula Da Silva e acampou no PSB, estava precisando da mídia generosa e gratuita para sua tentativa de voltar ao Senado, pois o mandato acaba em 94 e a concorrência é forte. Nada melhor pois do que uma inquisição, desculpem uma CPI, para dar ibope. Freqüentou diligentemente a do PC, que poucos dividendos acha que lhe rendeu, tanto que não se falava mais nela, nem nele, nela. Apareceu um herege confesso, de nome Zé Carlos, que caiu do céu; sem melhor inspiração de como fazer, foi criada uma nova CPI, a do Orçamento, para substituir, nas páginas, a do PC. Dela, é óbvio, o senador não poderia estar ausente, a sua busca da oportunidade parecia ter chegado.

Porém, a CPI do Orçamento estava ficando monótona e outros temas tomando o seu lugar no noticiário. Seria preciso um golpe de mestre para estremecer o País. Como na inquisição, quando a heresia estava fraca e rendendo pouco, passaram a punir a sodomia e a

bigamia. O senador, como sempre acompanhado de seu jovem acólito paulista, como todo padre novo ainda de excelentes virtudes, fez promover a invasão da casa de um diretor de empreiteira e saiu de lá sobraçando meia centena de quilos de papéis, a quem chama gloriamente de documentos. Ficou quieto, não disse nada a ninguém. De lupa em punho, à luz de velas para não chamar a atenção, assistido só pelo lugar-tenente, examinou papel por papel, inquieto e sôfrego, na busca de uma heresia condenatória. Havia hieróglifos quase indecifráveis, mas isso não é nada para paralisar um auto-de-fé. Chegaram a traduzir iniciais pelos nomes mais conhecidos, desprezando os outros. Pelo meio da tarde, sentindo-se glorioso, foi ao palácio do Príncipe, saber se ele, diante daquilo, fujimoraria o País; e mandou o coadjutor ao alcazar saber se poderia haver cheiro de pólvora. Como ninguém perdeu a calma por isso, pôs a boca no mundo: há um governo paralelo no País, um cartel de empreiteiras, mais de cem novos parlamentares comprometidos!

Como no caso da anedota, o senador Passarinho, coronel-comandante da CPI, foi o último a saber. Ainda não entendi por que Passarinho não dispersou a CPI ou não mandou dar baixa em alguns dos seus sargentos e cabos indisciplinados. O fato é que a pressão dele subia a 19 por 9,5, coisa de dar derrame ou infarto. Só não houve infarto porque o senador Mario Covas, experiente em dor de coração que estava a seu lado, tranqüilizou-o: a dor de infarto é diferente. Até quinta-feira à noite, a glória tinha chegado para o senador Bisol, apesar de o senador Garibaldi e o deputado Vivaldo dizerem que tudo é uma besteirada das grossas.

Mas, deu azar no negócio. PC foi preso na Tailândia, chegou sexta-feira ao Brasil. Escobar foi morto na Colômbia. Há assuntos novos para os jornais, tomando todos os espaços. Para o “governo paralelo” do senador Bisol sobrar pouco, muito pouco. Como dizia CICERO, muito, muito antes da Inquisição, só alcança a verdadeira glória quem cumpre os deveres da Justiça. Os outros, não.

■ Ignácio de Aragão é advogado e jornalista